

RESSONÂNCIAS NA PRÁTICA DE PSICANALISTAS MULHERES

Marina Fernandes Guedes¹
Mara Coelho de Souza Lago²
Mériti de Souza³

Resumo:

Psicanálise(s) e feminismo(s) possuem, historicamente, pontos de tensão e de ligação. É no encontro com a cultura, a história, o corpo e a subjetividade que estes campos vêm demarcar seus contrapontos e tensionamentos implicados nos eixos da clínica e da política. Este artigo que, configura um recorte de pesquisa realizada no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, propõe uma discussão acerca das narrativas teóricas e discursivas sobre o feminino na psicanálise e suas interlocuções com feminismos e gênero na contemporaneidade. Neste sentido, traz para o diálogo contribuições de autoras/es com produção atual sobre esses campos, recorrendo à escuta de entrevistas realizadas com psicanalistas mulheres. Refletir se os feminismos atravessam a clínica e a prática psicanalítica foi parte das questões costuradas neste trabalho, que destaca nós teóricos, discursos hegemônicos, singularidades.

Palavras-chave: Psicanálise; Feminismos; Feminino; Gênero.

Abstract:

Psychoanalysis(s) and feminism(s) historically have points of tension and connection. It is in the encounter with culture, history, the body and subjectivity that these fields come to demarcate their counterpoints and tensions implied in the axes of clinic and politics. This paper, which configures a research excerpt carried out in the Graduate Program in Psychology at the Federal University of Santa Catarina, proposes a discussion about the theoretical and discursive narratives about the feminine in psychoanalysis and its interlocution with feminisms and gender in contemporary times. In this regard, it brings to the dialogue contributions of authors/s with current production on these fields, resorting to listening to interviews carried out with female psychoanalysts. Reflecting on whether feminisms cross clinical and psychoanalytic practice was part of the issues woven together in this work, which highlights theoretical knots, hegemonic discourses, singularities.

Keywords: Psychoanalysis; Feminisms; Female; Gender.

¹ Psicóloga e Psicanalista. Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2013). Mestre pelo Programa de Pós- Graduação em Psicologia – UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, área Psicologia Social e Cultura. Endereço: Campus Universitário - Trindade- Florianópolis – SC. CEP 88 040 970. E-mail: marinafernandes.guedes@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2445-9548>

² Professora Emérita da Universidade Federal de Santa Catarina, doutora em Psicologia da Educação pela UNICAMP-SP. Professora titular aposentada, atuou como Docente Voluntária nos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC. Participa do Instituto de Estudos de Gênero (IEG/UFSC) e da coordenação editorial da *Revista Estudos Feministas*. Endereço: Campus Universitário - Trindade-Florianópolis – SC. CEP 88 040 970. Tel (48) 3721 9283 e-mail: maralago7@gmail.com ORCID <http://orcid.org/0000-0001-5111-8699>

³ Professora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia - UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-Doutorado no CES -Centro de Estudos Sociais- Universidade de Coimbra. Doutorado em Psicologia Clínica pela PUC-S.P. Autora de *A Experiência da lei e a lei da experiência: ensaios sobre práticas sociais e subjetividades no Brasil* (Editora da UFSC, 2016); Endereço: Campus Universitário - Trindade- Florianópolis – SC. CEP 88 040 970. Tel (48) 3721 9283. e-mail meritisouza@yahoo.com.br <https://orcid.org/0000-0002-8157-7615>

Introdução

Psicanálise e Feminismo, ou psicanálises e feminismos, têm uma longa história de entrelaçamentos, dissidências, conflitos, diálogos e contribuições mútuas largamente documentadas. Do lado da primeira, é conhecida a importância da entrada das mulheres na prática da psicanálise, tanto na expansão da clínica, quanto na revisão da teoria no tocante à feminilidade, como nos mostram os textos de Freud na década de 1930, em diálogo com a produção de psicanalistas de destaque, que refletiam sobre o desenvolvimento infantil feminino, a importância das relações pré-edípicas para as meninas, a castração, o narcisismo... Em relação ao feminismo, as polêmicas com a psicanálise estiveram presentes nos textos das psicanalistas norte-americanas e europeias (MITCHELL, 1979) da chamada segunda onda dos movimentos feministas, precedida e alimentada pela obra de Simone de Beauvoir que, em sua portentosa concepção da produção do Segundo Sexo (BEAUVOIR, 1949), já polemizava com a psicanálise e outras correntes do pensamento.

Em obra que traz a riqueza dos debates e embates entre essas teorias e práticas, *Thinking Fragments: Psychoanalysis, Feminism and Postmodernism in the Contemporary West*, a filósofa norte americana Jane Flax (1990) posiciona a psicanálise, junto às teorias feministas e às teorias pós-modernas, como *pensamentos de transição*, aqueles que vêm minar as bases do conhecimento iluminista, desconstruindo a concepção do sujeito moderno.

Na psicanálise e nos feminismos reconhecemos um caráter *emancipatório* e explicamos: falamos aqui de nossa experiência pessoal no encontro com o divã, enquanto analisandas e de nossa prática feminista enquanto *cidadãs*, o que ressoa no encontro desses temas como pesquisadoras. Na psicanálise, bem como nos feminismos, localizamos um caráter subversivo, porém é também na problematização desta afirmação que este artigo caminha.

Com relação à teoria psicanalítica, por diversas vezes nos sentimos incomodadas quando reconhecíamos uma psicanálise sustentada num lugar de fala descompassado de alguns debates do campo político da época. Em relação ao movimento feminista também nos incomodavam práticas e discursos idealizadores de um feminino atribuído a corpos específicos de mulheres, num retorno a concepções essencialistas biológicas,

acentuadoras de binarismos. Foi na busca do encontro da psicanálise e dos feminismos em suas implicações ético-políticas, que decidimos trabalhar.

Somado a essa questão da aposta do subversivo presente na psicanálise e nos movimentos feministas, este artigo se debruça sobre a marca de um período histórico. Ele é atravessado pela ocorrência de um evento muito específico e determinante: a pandemia global da COVID-19. No Brasil, o (des)governo Bolsonaro, é o pano de fundo deste evento, que forja uma crise ética, estética, sanitária, econômica e política. Num contexto de retrocessos no campo ético e político, de desmontes na educação, fazer pesquisa neste momento, faz-se então, sobretudo, um ato de resistência.

É na continuidade deste pensamento, na sustentação dos afetos, do conhecimento, da psicanálise, do feminismo, que encontramos alento para seguirmos pulsando frente às dificuldades trazidas pela pandemia, pelo retrocesso político: escrevendo, pesquisando, vivendo, pensando.

Psicanálise e teorias feministas possuem há tempos, portanto, seus pontos de tensão e de ligação. É no encontro com a cultura, com a história, com o corpo e com a subjetividade, que elas vêm demarcar seus contrapontos e tensionamentos, na implicação com os eixos da clínica e da política. Pensar sobre as possíveis ligações entre as teorias feministas e as psicanálises requer, inicialmente, reconhecer a pluralidade destas: não há consensos entre seus autores e conceitos, não há só um feminismo, não há só uma mulher, assim como não há só uma psicanálise.

É na contemporaneidade histórica que psicanálises e feminismos se conectam de forma mais intensa. Se a psicanálise em Freud inaugura um novo campo no olhar para a sexualidade com a diferença anatômica entre os sexos, o complexo de Édipo, entre outras contribuições acerca do suposto binômio masculino e feminino, é também por meio dela e em sua crítica que se dará a sua relação com os movimentos feministas. Mara Lago (2010a) refere que a psicanálise não só influenciou as teorias e movimentos feministas, mas também se viu afetada pelos avanços destes.

Tomada como um “dos signos da moral machista e dos sexismos”, como discorre Joel Birman (2016) em “*Gramáticas do erotismo*”, a psicanálise, sobretudo em Freud, fez-se local de combate para os discursos e movimentos feministas dos anos 60, que pretendiam romper com a relação hierárquica estabelecida entre o masculino e o feminino. Com relação ao pensamento freudiano e aos primeiros passos da psicanálise,

Lago (2010b, p.288) ressalta que “não se tratava, naquelas circunstâncias, de olhar para as diferenças (étnicas, de classe, de gênero) a que somos convocadas a refletir pelas contingências históricas coloniais/pós-coloniais das últimas décadas do século XX e deste início do século XXI”. Tratava-se de um pensamento que não questionava o fato desse sujeito tomado como universal ser homem, europeu, branco e burguês, o que é uma questão crítica para o feminismo em geral.

Podemos dizer que a psicanálise arquitetou-se sobre a constituição das singularidades e descentrou o sujeito filosófico cartesiano, ao compreendê-lo enquanto sujeito do inconsciente e do desejo. Mas esta teoria, no entanto não se constituiu como uma reflexão crítica sobre a estrutura *falologocentrada* da sociedade e da família. Importante ressaltar que, conforme Derrida (1973), se trata aqui de um neologismo que opera como referência crítica direcionada ao entendimento predominante no mundo ocidental, que define o *falo* e o *logos* como significantes universais.

As autoras Ana Cintra, Juçara Clemens & Mériti de Souza (2015) referem que tanto na psicanálise de Freud, quanto nos estudos pós-freudianos e feministas que articulam com teorias pós-estruturalistas, há a evidência da linguagem como um espaço marcado por representações que tem a potência de legitimar, assim como de transformar, lugares culturalmente construídos. Nesse sentido, as autoras referem que representações sobre o que é ser mulher e ser homem, estão inseridas e são construídas neste campo simbólico, marcados por aspectos históricos e relações de poder.

É preciso reconhecer, sobretudo, as transformações em curso vividas na contemporaneidade e observadas na clínica psicanalítica, considerando sobremaneira a prática de analistas. As demandas pautadas pela incidência de movimentos feministas, *queer*, antirracistas e LGBTQIA+, convocam a pensar sobre os processos de subjetivação de nossa época, trazendo para a discussão questões tais como: o questionamento de uma cultura *falologocentrada*, as diversidades no campo da sexualidade, a crítica aos binarismos, o “tornar-se mulher” há tempos colocado por Beauvoir, que ainda ecoa em busca de compreensão. É este cenário que convoca a psicanalista a revisitar não só as contribuições da teoria clássica, no que tange ao estudo do feminino, mas a questionar sua lógica *falologocentrada*.

Se a formação em psicanálise também é pautada no estudo da teoria clássica, como em Freud e Lacan, é na dialética entre o reconhecimento dos limites teóricos construídos

a partir de uma época e, ao mesmo tempo, na atualidade de alguns de seus conceitos, que se faz necessário transcender o olhar da teoria psicanalítica para os estudos de gênero e para as teorias feministas. Patricia Porchat (2018) diz que se hoje o feminismo amplia a noção de mulher e contempla sujeitos para além do binarismo e da normatividade de gênero e sexualidade, ele pode se juntar a uma psicanálise que vai entender o homem e a mulher “em função do encontro da pulsão com o social”:

Na psicanálise podemos pensar na constituição do gênero por identificações não a partir de um estado anatômico determinante, mas apenas do fato de que esse anatômico serve de base para o gênero social que se cria em cima dele, os homens e as mulheres sociais. A psicanálise pode ajudar a esclarecer alguns dos comportamentos e das vivências de mulheres da nossa sociedade, pensando sobre a violência contra a mulher, sobre a hierarquia de gênero, investigando a questão histórica da emancipação em relação ao homem e ao poder masculino. (PORCHAT, 2018, p.41)

Se para Lacan (1974, 1975) os discursos são laços sociais que produzem diferentes efeitos e sintomas, cabem aqui reflexões que contribuem para a contextualização da temática. Já que se trata de norma regida por uma cultura marcada pela intolerância com as diversidades e diferenças, questionamos: Como psicanalistas em suas práticas estão reverberando esses discursos e interlocuções?

Assim, este artigo tem como questão central analisar: como mulheres psicanalistas entendem o feminismo na atualidade e como esse entendimento reverbera na sua prática? A escolha deste tema de estudo emerge das inquietações e indagações de pesquisadoras que acreditam na psicanálise e nos movimentos feministas, considerando nas duas áreas o atravessamento ético político e a produção conjunta de/entre sujeito e cultura.

Para explicitarmos o porquê do recorte referente a mulheres psicanalistas como interlocutoras deste artigo, é importante elucidar alguns conceitos, pois estamos trabalhando com a interlocução de diferentes perspectivas, a saber, os feminismos e as psicanálises. Neste sentido, a possibilidade de escutar psicanalistas mulheres fez-se importante, pelos embates acerca das narrativas teóricas sobre o feminino e o gênero na psicanálise da atualidade, que trazem à tona também a agência destes discursos na prática psicanalítica, seja na clínica, nas universidades, ou em outros meios de atuação onde a se dá a psicanálise. A escuta de mulheres analistas, através de suas pluralidades, lugares teóricos e singularidades discursivas entram aqui como território de desejo e de inquietação.

Este artigo configura um recorte de pesquisa realizada no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, tendo uma das autoras como mestranda (GUEDES, 2021) e as outras duas autoras como orientadoras. Inicialmente, apresentamos um breve histórico das conexões entre feminismo e psicanálise e analisamos as leituras de autores/as dessas duas áreas do conhecimento. Na sequência, apresentamos recortes das entrevistas de quatro psicanalistas que se reconhecem como mulheres e que exercem a prática clínica. Denominamo-as Elena, Virginia, Clarice e Ana Terra, inspirando-nos nos nomes de escritoras mulheres e em personagem de romance regional brasileiro.

O recurso a entrevistas apoiadas em referências psicanalíticas é sustentado por várias autoras (MEZAN, 2019; ROSA, 2004; ROSA e DOMINGUES, 2010). Apresentamos trechos das entrevistas nos quais se explicitam as relações que as profissionais entrevistadas estabelecem entre o feminismo e a sua prática clínica. Para a análise das entrevistas recorreremos a autores e autoras feministas e psicanalistas.

O recorte referente a psicanalistas mulheres é, sobretudo, uma posição política, pois interessa dialogar com mulheres para entender também como estas são atravessadas pelos feminismos. Vera Iaconelli (2018) diz que escutar mulheres psicanalistas é um ato político feminista e implica a conquista de espaços nas publicações, nas mídias e nas próprias instituições psicanalíticas. Ainda que nossa perspectiva teórica psicanalítica compreenda o feminino como posição subjetiva, apontamos para a construção do sujeito como associada à construção da referência de gênero por cada pessoa.

Feminismos: reverberações na prática psicanalítica

Não há como falar dos feminismos sem contextualizá-los⁴. Se compreendidos pela metáfora de ondas que se sobrepõem, se chocam e refluem, suas movimentações transitam por aspectos históricos, culturais, discursos e narrativas em torno do “ser mulher”. Como já foi dito, compreendemos os movimentos feministas em sua pluralidade, entretanto, um breve percurso teórico nos ajuda a entender os feminismos

⁴ Segundo Maira Moreira (2019) as divergências teóricas e políticas, bem como a ausência de consenso nas pautas feministas, fazem com que teóricas se refiram ao feminismo no plural, no intuito de englobar estas diferenças e na tentativa de retirar um entendimento universalizante.

como diversos em perspectivas teóricas e modos de fazer política. A divisão dos diferentes momentos dos movimentos feministas através da metáfora com ondas que eclodem com força e refluem, ainda que recorrente nos estudos feministas, é entendida como arbitrária, havendo também críticas a esta narrativa como excludente e eurocentrada. Porém, seguimos Djamila Ribeiro (2018) em sua concepção de três *ondas feministas* para significar, descrever e historicizar o fluxo e refluxo contínuo das atuações das mulheres brasileiras na luta pela busca de direitos⁵.

Não buscamos tipificar aqui os desdobramentos dos feminismos em suas correntes teóricas e políticas, mas apresentar um panorama geral que conta algo (não todo) das estórias deste movimento diverso, propondo um recorte sobre os movimentos feministas e suas tensões no que tange a seus diálogos com a psicanálise. Estamos vivendo uma época marcada por um *boom* feminista⁶, Para além das discussões acadêmicas, que há tempos produzem e solidificam saberes em epistemologias feministas e estudos de gênero, há *algo* que perpassa a academia e se massifica, invadindo manifestações, redes sociais, produções artísticas, militância... e por que não?, consultórios, divãs e espaços da práxis da psicanalista. Parece que tudo isso, por causa ou consequência, traz um efeito à nossa subjetividade e, nessas circunstâncias, a psicanálise passa também a ser convocada ao diálogo.

Mas afinal, em termos gerais, como podemos “traduzir” feminismo? Para Djamila Ribeiro (2018), o objetivo do feminismo seria uma sociedade livre de hierarquia de gênero, onde as diferenças não seriam utilizadas para conceder privilégios ou legitimar opressões. Com início no século XIX, o chamado *feminismo de primeira onda* reivindicava o sufrágio feminino: o direito ao voto e à vida pública (LAGO, 2010b). O impacto do feminismo europeu e norte-americano, favorecendo a discussão da condição feminina no cenário internacional e, conseqüentemente, no Brasil, contribuiu para a eclosão do feminismo na década de 1970, a *segunda onda do feminismo* pós-segunda guerra e a partir dos anos 60, que no Brasil, corresponde ao período de ditadura cívico-militar, o que implica especificidades ao movimento em território brasileiro. Aqui a questão do trabalho e suas condições para as mulheres se destacavam em meio a diversas

⁵ Heloisa Buarque de Hollanda, que historiciza quatro ondas dos movimentos feministas, refere-se a uma *Explosão feminista* na atualidade.

⁶ Como demonstra a recente e extensa obra de Heloisa Buarque de Hollanda, trazendo textos sobre as teorias e movimentos feministas, publicada pela Companhia das Letras e pela Ed. Bazar do Tempo

pautas, dando espaço, na sequência, às reivindicações ligadas à sexualidade, ao corpo e à violência contra a mulher. O movimento feminista brasileiro emerge na luta contra a opressão e a violação dos direitos e da democracia no país. A literatura que trata sobre este tema refere que o movimento feminista nos anos 70 no Brasil, foi significativamente marcado pela contestação à ordem política instituída e comprometido com a oposição à ditadura.

A chamada *terceira onda*, (RIBEIRO, 2018) teve início na década de 1990 e colocou em discussão alguns paradigmas advindos dos períodos anteriores. As demandas por legitimação advinda de movimentos como o de mulheres negras, lésbicas e transexuais, reivindicando seus direitos e o direito às diferenças, abriram espaço a um debate que não cessa em discursar. Para Heloisa Buarque de Hollanda (2018) a terceira onda feminista foi uma virada de eixo epistemológico, porém somente hoje, mais de trinta anos depois, seus debates circulam de forma mais “confortável” no ativismo feminista. Ribeiro (2018) refere que as críticas das teóricas feministas de terceira onda, dentre elas Judith Butler (2013), denunciam o discurso universal em torno das mulheres como excludente.

É imprescindível destacar a luta e a importância do feminismo negro que denunciava, desde a década de 1970, a invisibilidade das mulheres negras dentro das pautas do movimento. Na importância da discussão de gênero com recorte de classe e raça, destacamos Lélia Gonzalez (2020), intelectual negra brasileira, como referência. Lélia foi pioneira na crítica ao viés eurocêntrico do feminismo ocidental, tido como hegemônico, valendo-se de um arcabouço teórico que transitava entre história, filosofia, psicanálise, antropologia e sociologia, para dar sustentação às suas linhas de pesquisa.

Como exemplo disto, recordamos questões trazidas por bell hooks (2018) em “*O feminismo é para todo o mundo*”. hooks atenta que há na história do movimento feminista, sobretudo estadunidense, o registro de uma certa apropriação narrativa, por parte de mulheres brancas e com privilégio de classe, que se entendiam como as autênticas representantes do feminismo à época. A autora afirma que tal grupo ofuscou questões de racismo, nacionalidade e colonialismo para pensar o gênero dentro do movimento. hooks debate também as disputas internas entre diferentes correntes de pensamentos e modos de fazer política nos feminismos.

Ainda que estejamos atentas às ramificações do debate e às especificidades das lutas de diferentes coletivos de mulheres, é inegável que há um impacto dos movimentos feministas refletido na vida das mulheres e na sociedade. De forma específica, interessamos acompanhar esses impactos no caso das psicanalistas que entrevistamos.

Compreendendo os movimentos feministas como uma modalidade de laço coletivo, podemos dizer que as conquistas políticas do movimento caminham com a emancipação feminina. As pautas feministas que debatiam a distinção entre público e privado, quando a mulher era subjugada “como um ser débil e inapto a agenciar o próprio corpo e a realizar qualquer tarefa que não os afazeres domésticos - redefiniram o campo da política, da sexualidade, do acesso aos direitos e bens e da vida pública” (MOREIRA, 2019, p. 53). Tais discussões produziram efeitos nas relações, nas estruturas familiares e nos processos de subjetivação feminina.

Para a entrevistada Elena, a teoria psicanalítica contribui ao pensarmos a dimensão do singular da psicanálise e a dimensão do universal da alteridade. Neste sentido, ela aponta exemplos presentes na literatura feminista e na psicanalítica que necessitam ser considerados para pensar a questão da mulher:

[...]a beleza do trabalho de pesquisa acho que é justamente entrar estes pontos que às vezes são mínimos, mas eles existem, por exemplo quando Freud diz na Conferência 33 que a psicanálise não pretende dizer como uma mulher é, e sim pesquisar como uma mulher se forma a partir da criança dotada de bissexualidade, como é que a gente não vai pensar na Simone de Beauvoir dizendo que não se nasce uma mulher, torna-se uma mulher? Então assim, ok em muitas coisas eles se desencontram, mas estes encontros, mínimos que sejam, quando a gente dá um nó, vira uma coisa tão linda porque aí a gente consegue produzir um argumento neste sentido. (Elena).

A entrevistada atenta para o potencial radical presente nas lutas feministas, como estratégia política de embate frente aos imperativos de uma cultura *falologocentrada*. A psicanalista retoma Lacan, para elucidar o trabalho subjetivo de desidentificação e de deslocamentos destes imperativos culturais, como do patriarcado, por exemplo. Para a psicanalista algo se cria a partir deste choque:

Lacan fala isso, que o trabalho de uma análise é você chegar a ser o produto de uma diferença absoluta, mas o laço não pode ficar perdido, então muitas vezes é o trabalho de poder fazer uma identificação e também, principalmente, que é o que mais acontece, é o trabalho de desidentificar, de descolar de um discurso que deixa de ser um discurso apaziguador e passa a ser um discurso de imperativo, e aí é muito problemático...quando você fala dessa multiplicidade

de discursos feministas, o que eu penso é o seguinte: eu acho que toda vez que a gente tem um movimento muito forte que aprisiona, que engessa, que faz um monte imperativo enfim, como é o machismo, como é todo discurso do patriarcado, você precisa, a cultura precisa construir e promover um embate. Então a gente precisa vir com o radical também, né... e eu vejo que é isso que acontece e que se produz nesse choque, constrói alguma coisa, aí se pode criar alguma coisa. Então eu vejo que os movimentos feministas, eles precisaram ser muito imperativos em muitos momentos da história. (Elena)

Outro ponto é destacado pela psicanalista Virginia, ao afirmar a importância dos movimentos sociais no aspecto de levantar o recalque sobre a história das mulheres:

Eu vejo nos movimentos culturais, muito mais do que na psicanálise, uma preocupação muito grande com levantar a história de mulheres que a história recalçou[...] esse resgate é essencial para que, sim, a gente possa ter uma ancestralidade que não seja de uma bruxa imaginária que acha que todos os homens são predadores e que nós temos lá atrás uma deusa pra encontrar. Então o meu trabalho, o meu empenho, no qual eu venho engajando meu estudo nos últimos anos e no qual eu pretendo engajar os próximos, é no sentido de constituir essa busca identitária de uma mulher que possa incluir uma historicização do gênero. (Virgínia)

A psicanalista Ana Terra também discorre sobre a reverberação dos movimentos feministas na psicanálise.

[...]é que se a gente...tô falando da liberdade, se a gente trabalha com o foco na liberdade de pensamento de uma pessoa vir a ser o que ela realmente é, acho que não tem como tu não ser afetada pelos movimentos feministas, é natural, só se tu tá na contramão... então tu vais estar trabalhando junto, na mesma direção. Eu não sei se eu tenho uma visão mais feminista da valorização da mulher, dessa independência, dessa liberdade, de alguma maneira o meu foco vai ser isso, né... a gente fala da neutralidade, não que eu vou direcionar, não é isso... mas dentro de uma pleitoria de assuntos que apareçam eu vou, claro, de repente focar naquele que vai direcionar pra isso... então sim, eu acho que a psicanálise está atravessada por esses movimentos... que acho que têm crescido, o que é relativamente novo, embora se fale tanto, mas é novo, né... (Ana Terra).

Porém, Ana Terra também afirma que o domínio masculino ainda permanece, também no campo psicanalítico:

[...]ano passado a gente fez um evento (...) e a gente se deu conta que todos os convidados eram homens, nós não chamamos mulheres então eu acho que nós nos demos conta quando já estavam todos os convites feitos... então tem algo de uma valorização do masculino, desse poder, do saber enfim... do poder que se traduz no saber, embora eu ache que a coisas tenham se modificado, eu acho que tem algo muito forte, das mulheres em relação a elas mesmas, que se traduz por uma situação dessas. Então que eu penso né, a gente se deu conta, mas no

*próximo a gente vai tentar valorizar a fala de uma mulher, de várias mulheres.
(Ana Terra).*

Retomamos a filósofa existencialista Simone de Beauvoir (2016), que traz “O ponto de vista psicanalítico” na primeira parte de sua obra, “Fatos e mitos”, onde afirma que há em Freud postulados metafísicos e, para ela, utilizar sua linguagem é adotar uma filosofia. A autora acreditava que Freud não se ocupava do destino da mulher, calcando a descrição do feminino sobre o masculino. A autora tensiona de forma crítica a posição dos psicanalistas e sugere a dificuldade de discutir a própria teoria com os mesmos:

[...] não é empreendimento fácil discutir a psicanálise. Se se ataca a letra da doutrina o psicanalista afirma que lhe desconhecemos o espírito; se lhe aprova o espírito, ele procura de imediato restringir-nos à letra. A doutrina não tem importância diz um: a psicanálise é um método; mas o êxito do método fortalece a fé do doutrinário. E onde encontrar, afinal, a verdadeira psicanálise senão entre os psicanalistas? Mas entre estes como entre os cristãos e os marxistas, existem heréticos, e mais de um psicanalista declarou, que “os piores inimigos da psicanálise são os psicanalistas” (BEAUVOIR, 1916, p. 68).

Conforme o postulado pelas psicanalistas Virgínia, Ana Terra e Elena, localizamos, sim, a escuta e as reverberações dos discursos feministas na prática clínica. Porém, percebemos também a dificuldade em rever as leituras sobre o feminino e principalmente, localizamos essa dificuldade entre aquelas que se reconhecem como mulheres e aqueles que se reconhecem como homens. Temos aqui várias questões importantes a serem consideradas e esperamos que as falas dessas analistas coloquem a palavra a circular sobre essas questões.

O gênero nos embates e aproximações entre psicanálises e feminismos

A psicanálise deu lugar, voz e escuta à sexualidade humana. Moreira (2019) reflete que em tempos de moral vitoriana e silenciamento da pulsão, a psicanálise dá lugar ao sofrimento das mulheres, em um período em que a sexualidade feminina se restringia à vida matrimonial. A psicanálise passou então a ser um lugar estratégico de embate dos discursos feministas para ressignificação de signos em torno do “ser mulher” e da hierarquia valorativa entre o masculino e o feminino. Críticas de feministas se fizeram frequentes ao discurso freudiano, como fundante de uma leitura de signos que inferiorizavam a mulher. O feminismo, como refere Birman,

[...] estabeleceu um confronto direto com os discursos que pensavam aquela hierarquia em termos ontológicos, já que era necessário realizar a desconstrução daqueles discursos que sustentavam a hierarquia e a dominação entre os sexos. Foi neste contexto, portanto, que a psicanálise se transformou então num dos focos destacados de confrontação do feminismo, na medida em que procurava fundar as diferentes inserções dos sexos nas práticas sociais, com evidente desvantagem para as mulheres. (BIRMAN, 2016. p.23).

Segundo Lago (2010a), muitas psicanalistas participaram do debate inicial que questionava a questão do feminino na psicanálise: de um lado personagens como Melanie Klein, Karen Horney, Ernest Jones, e do outro, aliadas às ideias freudianas, Jeanne Lampl de Groot, Helene Deutsch, Marie Bonaparte. Rafael Cossi (2016) diz que para fugir do modelo de organização masculina, estas autoras buscaram explicar a mulher em si mesma, dando ênfase ao período pré-edípico e à relação mãe e filho. “Pretendia-se fazer com que a feminilidade deixasse de ocupar um lugar secundário, de ser vista predominantemente como uma saída precária decorrente de suas mancas instâncias psíquicas quando comparadas às do homem” (p.12). Sobre os intrincados temas das relações entre as teorias da psicanálise e a prática clínica, a psicanalista Virginia afirma:

Para mim ainda é verde o que eu vou dizer, mas eu já li muitas e muitas vezes as questões particularmente freudianas, vários outros psicanalistas sobre as questões do feminismo e sempre me deixaram incômoda e cada dia mais. Eu acho que a psicanálise aderiu a essa ideia de que a mulher, essa ideia de que a Simone Beauvoir já denunciava nos anos 40, de que a mulher se constitui enquanto outro para que o homem possa ser um, então eu não consigo ver essas formulações do a-1, essas formulações lacanianas de que a mulher não tem uma série na qual se inserir, a afirmação freudiana de que ela tem um Édipo tardio e uma relação problemática com a castração, eu não consigo ter empatia com essas colocações, nunca consegui[...] enfim, acho que a gente precisa ficar velha pra algumas coisas. Foi num processo mais recente que eu consegui dizer eu discordo totalmente, não que eu tenha uma teoria alternativa, mas não me serve essa forma de pensar. (Virginia)

As construções de Freud em torno da feminilidade refletiam o contexto histórico da época, “Afinal, o que querem as mulheres?” é a famosa pergunta feita pelo psicanalista austríaco, que em sua Conferência sobre “Feminilidade” (1933), diz “em todas as épocas os homens meditaram sobre o enigma da feminilidade (...) elas mesmo, as mulheres, é que são o enigma” (p. 264). Tal pergunta ilustra o fato de que para Freud, não caberia à psicanálise descrever o que é a mulher, mas sim investigar como ela vem a se tornar uma

mulher. É importante salientarmos que o pensamento freudiano é também recorte de uma época, recorte decorrente do lugar em que a cultura colocou a mulher.

A psicanalista Elena rememora a frase de Freud e considera o trabalho de criticar uma teoria sem destituí-la. Abrir espaço dialético de inunção entre diferentes teorias para pensar a questão de gênero, parece ser importante para a analista:

[...] acho que outra coisa que talvez a gente saiba fazer um pouquinho melhor por conta do trabalho da escuta, é criticar uma teoria sem destituí-la. Então por exemplo na crítica à teoria freudiana é isso que eu digo, vamos criticar? Claro, vamos criticar. Até porque se você leu a obra freudiana você não pode dizer que o Freud não queria ser criticado. Ele não escreveu para não ser criticado, mas vamos criticar sem destituir inclusive o trabalho que ele fez com as mulheres. A contribuição dele pro campo feminino de poder ouvir pela primeira vez na história, os desejos sexuais das mulheres, de poder dizer que as mulheres tinham desejos sexuais, de poder dar outro lugar às manifestações históricas, enfim, de poder inclusive acolher essa insatisfação das históricas. (Elena)

Elena prossegue reconhecendo que em todo discurso teórico há furos e denota o fato de que Freud resvala na condição de sua época, bem como em sua posição subjetiva:

Ninguém escutava as mulheres, ninguém... agora, é lógico, ele era filho do século 19, por exemplo, o continente negro da feminilidade, que é como ele encerra a obra, basicamente... e até uma dificuldade subjetiva do próprio Freud, muita coisa ele não escutou porque ele não conseguiu mesmo pela posição que ele tinha enquanto homem, enfim, um homem completamente machista, no que havia de machismo na época [...] Enfim, ele também tinha a posição subjetiva dele, né... assim como o Lacan também. Então, enfim, poder também a gente não destituir uma teoria só porque ela tem furos. (Elena).

Neste sentido, Virginia diz que desde a origem da filosofia vem se construindo uma militante ignorância sobre a reprodução e sobre o próprio corpo da mulher. A psicanalista pontua que, nesta perspectiva, falar sobre o corpo da mulher seria considerar que existe uma feminilidade natural que nos obriga a um determinado destino... Virginia entende, que justamente por isso, o corpo da mulher “nunca terminou de ser discursado, ele mal começou” e posiciona a importância de não recalcarmos o debate acerca do corpo feminino, na tentativa de criarmos outras discursividades. A entrevistada tensiona também a ideia de gênero como construção cultural:

Acho que a gente tem que pensar algumas coisas novas a respeito disso, não quer dizer que eu esteja totalmente tranquila com uma ideia de que nós sejamos uma categoria como qualquer outra, no sentido de haveria uma posição equivalente da masculina com a feminina, tampouco acredito que a gente deve

considerar o gênero como meramente cultural. Eu acho que sim, ele é uma construção cultural, mas tenho escrito e pensado sobre isso, que é a ideia que não se caía num recalque novamente das questões do corpo feminino, nas vivências femininas, do traumático da maternidade, da eloquência das nossas tempestades e ciclos hormonais, da nossa particular forma de ser um corpo, de estar num corpo que nunca foi discursado e que agora ameaça estar de novo soterrado pela ideia de uma sexualidade meramente cultural... (Virginia).

Moreira (2019) refere que o trabalho de Beauvoir permitiu que leituras posteriores “concebessem gênero como uma construção social em que o corpo feminino é aquele que é marcado pelo sexo e que serve enquanto alteridade para que os sujeitos existenciais masculinos, se formem” (p.57). Assim, chegamos ao conceito de gênero, categoria importante ao pensamento feminista para compreender as opressões sofridas pelas mulheres.

Bosco e Paiva (2014) afirmam que gênero é uma categoria de análise que se configurou não só como um campo de estudos, mas que produziu e segue produzindo questionamentos às teorias científicas previamente estabelecidas. As teóricas feministas que se debruçaram sobre o campo dos estudos de gênero, abriram caminho ao debate conceitual sobre as sexualidades, denunciando as desigualdades entre homens e mulheres e questionando seus mecanismos de reprodução social. Porchat (2020) posiciona que “teorias de gênero” são, de certa forma, um termo guarda-chuva que engloba teorias feministas, os *gays and lesbian studies*, *transgender studies*, e a teoria *queer*. Como um campo diverso entre autores/as com posições distintas, dentre elas, essencialistas, construcionistas, universalistas, há quem considere a psicanálise e seus pressupostos e há também quem veja nela uma grande representante da ordem moral, que enuncia regras sobre comportamentos sexuais a partir de normas de expressão e percepção identitárias. Inicialmente, as teorias de gênero se ocuparam da categoria mulher e do que derivava ser mulher.

Considerada autora de um dos textos mais citados no Brasil para compreender o percurso do termo gênero, Joan Scott (1991), na sua visão de historiadora, assinala também o diálogo dos estudos de gênero com a psicanálise. Scott, diferencia “as psicanálises” no diálogo entre autoras feministas, ao mesmo tempo que problematiza a teoria lacaniana, pois para ela há a universalização das categorias homem e mulher e da relação entre estes. Tal leitura traria aos historiadores uma visão reducionista ao que ela

chama de “dados do passado” (p.7) colocando “homem” e “mulher”, “masculino e feminino”, como construções subjetivas ou fictícias.

Cossi (2016) revela que um dos pontos de crítica do feminismo à psicanálise lacaniana se refere à negatividade agregada a seus conceitos. Jane Flax (1990) conta que neste sentido, o simbólico prescreveria relações de poder. O simbólico de Lacan e seus constructos em torno do “falo” enquanto significante e o “nome do pai”, são alvo de críticas das feministas, pois para estas “Lacan teria se mantido patriarcalista, agora prescrevendo relações de submissão da mulher através da ordem simbólica” (COSSI, 2016. p.19).

É nos confins da linguagem, que este debate se tensiona. As psicanalistas entrevistadas Elena e Clarice, pontuam as críticas de pesquisadoras feministas à teoria lacaniana. Clarice reconhece os avanços de Lacan, mas tensiona a teoria, quando reconhece que o autor recai no masculino como referente. Já, Elena, discorre sobre a leitura do quadro da sexuação, apostando no potencial das inscrições lacanianas como modalidade de escuta das manifestações contemporâneas:

[...]alguns grupos de pesquisa têm uma crítica muito forte a Lacan e, bom, nem vou falar da crítica à obra freudiana, embora eu adore o Freud, é óbvio que tem muita coisa que a gente tem que criticar, mas principalmente hoje o que eu vejo é uma crítica muito forte ao quadro da sexuação que Lacan criou no Seminário 20 [...] a crítica destes movimentos é que ainda assim é um campo binário, é que ainda assim ele faz uma separação binária e isso é perigoso, porque o que o Lacan faz é o oposto disso. O que Lacan faz com esse quadro da sexuação é justamente dizer que homens e mulheres são posições discursivas, e posições discursivas é muito mais do que dizer que são feitos pela cultura, ou não são só biologia, ou são só biologia, não. O que ele diz é, posição discursiva é efeito de linguagem. Inclui tudo. A anatomia, a modalidade de gozo, o corpo que se habita, a cultura na qual esse sujeito está inserido e a linguagem, a forma como esse corpo foi atravessado pela linguagem. Então seria, digamos, dizer que um sujeito que nasceu com o órgão sexual masculino ele pode ser uma mulher, então eu acho que a psicanálise tem um poder muito grande para estas questões contemporâneas, para ouvir estas manifestações de feminino tão diversas e múltiplas, justamente por essa singularidade de escuta, e principalmente porque de antemão a psicanálise não sabe nada sobre sujeito nenhum, então eu acho que isso é super importante. Mas eu vou te dizer que os analistas, eles têm recuado um pouco deste debate e isso é muito perigoso... agora que a gente vem tendo, né...(Elena)

Clarice, contrapõe:

Lacan dá um salto dizendo que dá pra ultrapassar isso, dá pra ir além da condição da castração, dá pra fazer alguma coisa da castração, mas ao mesmo tempo ele diz, bom, as mulheres, elas estão divididas num gozo fálico, quer dizer

registradas por ai, ter ou não ter. por mais que a gente diga o falo como um símbolo da falta, mas imaginariamente ficou como um pênis e suas equivalências, o poder e todas as coisas que a gente quiser derivar, é um gozo outro né. Então daí a gente pode pensar, mas clinicamente confere isso [...]mas esse tal do gozo outro, de que quase como que a mulher na sua composição corporal ela fosse um corpo meio à deriva, assim...eu entendo esse gozo outro nesse sentido de que ela precisa um contorno também confere... né... ok..., mas o incomodo que dá é hum... (pensa) é o pressuposto de que o referente é o masculino. Bom aí é muito complicado né, tu dizer do feminino a partir da diferença com o masculino e não com, bom, uma mulher. Temos visto que a feminilidade se acede por tais e tais processos, nos processos de subjetivação, Édipo, além do Édipo porque, né... (Clarice).

Historicamente, no cenário contemporâneo as críticas ao *falologocentrismo* foram bastante evidenciadas, na produção de teóricas francesas como Julia Kristeva, Luce Irigaray, Hélène Cixous, em suas leituras de Lacan, de Foucault, Deleuze, Derrida, entre outros. De forma específica, relembramos que para Derrida a maioria das teorias presentes no mundo ocidental adota o *falologocentrismo* como referência para suas elaborações teóricas sobre a natureza e as pessoas, ou seja, adotam a referência do *falo* (referência ao masculino) e do *logos* (referência à razão), para construir suas teorias sobre a subjetividade e a sociedade. (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004).

Na seara dos estudos de gênero no entrelace com a psicanálise, chegamos por fim em costuras com a filósofa americana Judith Butler. Com seu rigor crítico, embebido de riquíssimas e diferentes interlocuções teóricas (filósofos estruturalistas, pós-estruturalistas, modernos, desconstrucionistas) a autora convida a pensar os limites que o próprio feminismo carrega. Butler, que é também destaque na interlocução com a teoria psicanalítica, revisita conceitos de Freud, Lacan, Kristeva, dialogando também com Winnicott, Laplanche, Luce Irigaray, Melanie Klein, entre outras. Sua obra tem grande importância para os debates da psicanálise da atualidade, interessada nas questões de gênero e identidade, por exemplo.

Em seu livro *Problemas de Gênero* (2003) uma obra que redefiniu paradigmas da teoria feminista e dos estudos de gênero, a autora faz crítica aos limites da categoria mulher, apontando para os resquícios essencialistas que o próprio feminismo carrega. Quem é o sujeito do feminismo? é uma das problematizações da autora. Sua crítica incide sobre “a forma como as concepções sobre gênero se encontram arraigadas numa lógica binária e biologicista, assim como os limites discursivos e políticos da premissa identitária do feminismo”. (MOREIRA, 2019, p.63).

Butler realiza, no livro *Problemas de Gênero*, uma leitura de noções psicanalíticas como o feminino, o primado do *falo*, a diferença sexual. A autora testa a ideia da psicanálise enquanto teoria que “faz gênero” e que produz lugares para e sobre o feminino. Moreira (2019) diz que a leitura crítica de Butler à teoria freudiana e lacaniana, por partir do método arqueo-genealógico foucaultiano, pode esbarrar em certos limites. Para a autora tais críticas “butlerianas” normativizam a psicanálise. No capítulo *Proibição, psicanálise e a produção da matriz heterossexual*, Butler (2013) se apropria da psicanálise para:

[...] dizer como a matriz heterossexual opera de modo a tornar os corpos inteligíveis numa suposta coerência entre sexo-gênero-desejo. A partir de sua leitura dos textos freudianos *Luto e Melancolia*, de 1917, e *O ego e o Id*, de 1923, ela explicita também como o gênero e a sexualidade seriam incorporados através de processos de norma e abjeção. Vale salientar que, ainda que as críticas de Butler estejam fortemente influenciadas por críticas previamente tecidas por Foucault, Derrida e por outras autoras feministas, a sua principal contribuição, ou o fator inovador de seu trabalho, é pensar o gênero como performativo, questionando a própria diferença sexual. (MOREIRA, 2019.p 63).

Clarice reconhece o trabalho de Butler como uma referência ao seu pensar. A questão de problematizar as leituras sobre o gênero como recurso analítico para pensar a constituição subjetiva e as relações das pessoas com a sexualidade, o corpo, revela-se importante para a prática clínica. A psicanalista propõe que consideremos a interlocução entre psicanálise, movimentos sociais (no caso, referindo-se aos movimentos feministas) e estudos de gênero, para escutar as manifestações contemporâneas e tensiona as possibilidades desta interlocução:

[...] acho que só tende a avançar nessa questão do que a Judith propõe que eu acho brilhante... que é bom, vamos lembrar que tem uma disjunção entre sexo biológico, gênero e história. Acho que essa tríade é como se a gente tivesse que pegar isso e reler os textos do Freud e reler os textos do Lacan e escutar os nossos pacientes. Porque Freud disse isso, a anatomia não é o destino... é o discurso é o desejo parental, é o discurso das narrativas sociais que vão formar a amplitude da diversidade, tanto da identificação quanto das escolhas de objeto... Então, quer dizer, o erotismo é muito mais amplo que o clichêzão que ainda a gente escuta também na clínica né, mas aí tem uma questão... que os estudos de gênero também ficam muito entusiasta assim de que tudo é por aí, eu acho que tem um entusiasmo, tem uma coisa ideológica também [...] então é quase como dizer assim, vamos aproximar, vamos ver no que a gente pode tensionar o que os movimentos sociais trazem, mas assim, ó calma lá, né... tem uma falta de consistência no movimento social que a experiência clínica serve de bússola, mas o contrário também é verdade. O que aparece nos movimentos sociais e nas pessoas que estudam gênero, muitas vezes nos ajuda na condução clínica. (Clarice).

Patrícia Porchat (2018) diz que existe um ato político em se auto declarar feminista. A autora atenta que de forma mais generalizada, alguns psicanalistas temem em comprometer-se com determinada identidade, pois isto sugere um paradoxo em relação à atitude de neutralidade associada ao “papel do analista”. Porém, a autora afirma que em determinados momentos históricos, diante de contingências como a violência contra a mulher, por exemplo, é preciso que possamos nos dizer feministas, assumindo ligações com discursos e ideias feministas, pois o momento exige... “ao menos até que o mundo melhore. E só enxerga o mundo quem circula pela rua e escuta seus barulhos. A psicanálise hoje é outra” (PORCHAT, 2018. p.42).

Neste sentido, Clarice pontua:

[...] eu acho que a gente precisa de analistas e acho que são poucos homens analistas que tem essa possibilidade, mas são as mulheres mesmo, questão de gênero. As mulheres analistas, acho que elas têm mais possibilidade de se enlaçar na discussão que os movimentos feministas trazem. assim... porque esses termos... assim, misoginia, violência, bissexualidade ... é muito mais dos movimentos feministas, os psicanalistas (urra)... eu já estive em discussões clínicas com colegas de anos de estrada, mas quando eu falei a palavra misoginia eu lembro de uma colega ter dito “mas isso não é um termo psicanalítico” ...se não é, então vamos inventar, ou vamos aderir....porque não é possível que tu seja um analista do século 21 e que tu não leia que há uma misoginia.. que eu acho que é o último suspiro do patriarcado, é o último fôlego, assim... não tem mais, não tem caminho de volta né...(Clarice)

O também psicanalista Paulo Roberto Ceccarelli (2010), traz um contraponto que tensiona o debate na literatura sobre gênero e psicanálise. Para ele, tal interlocução evoca perspectivas conflituais entre a intersecção do individual, do singular, e das construções sociais advindas de processos históricos. O autor coloca:

Para alguns psicanalistas, por mais que os processos sociais possam interferir nas construções constitutivas do Eu, os conflitos observados são sempre individuais, relacionados a mecanismos intrapsíquicos inconscientes, logo, independentes, com raras exceções, do social. Para estes, o conceito de gênero não traria grandes contribuições à psicanálise, e os trabalhos de Freud sobre a sexualidade, sobretudo a infantil, já trazem no seu bojo postulados bem avançados e ideias inovadoras e originais para a época, sobre a questão de gênero. Outros, partindo da famosa observação freudiana segundo a qual “toda psicologia individual é, ao mesmo tempo, também psicologia social” (FREUD,1921,p.91), entendem que o tema contribui para a compreensão de certos conflitos. (CECARELLI, 2010, p.271).

Concordamos com Birman (2016) que concebe as noções de feminino e feminilidade como a encruzilhada de imperativos éticos e exigências teóricas na psicanálise, pois enquanto linguagem produzem efeitos e consequências reais sobre o corpo e a subjetividade.

De forma específica, gostaríamos de encerrar essa apresentação de narrativas das psicanalistas entrevistadas, trazendo a transcrição da fala de Ana Terra. É uma transcrição longa, porém, entendemos que ela explicita a questão do trabalho clínico com as reverberações dos movimentos feministas.

[...]Eu me lembrei agora de outra paciente minha, uma menina de 20 e poucos anos totalmente... é tão interessante isso, né, porque é a água e o vinho, a mulher de 70 e a menina de 20, totalmente submetida a um relacionamento quase a ponto de apanhar... então, ahn, ela conseguiu se desvincular, a gente conseguiu trabalhar bem dentro desse foco, de uma dependência... e claro que aí entra, a gente tem que discriminar né, acho que aí tem coisas pessoais da vida dela, coisas da história, da mãe dela, que atravessavam o psiquismo, a dinâmica psíquica dessa moça, das pessoas, e o quê que o social, o que também vai atravessar, como é que fica a intersecção das duas coisas.. Então se eu tenho uma compreensão do dinamismo psíquico dessa moça, que tem a ver com uma história e tal, e eu ao mesmo tempo, psicoterapeuta, sou atravessada por todo esse movimento que tem, e toda essa consciência do que a mulher pode, então eu acho que eu tenho que fazer essa intersecção e trabalhar dentro disso. Unindo essa questão da dinâmica psíquica pessoal e da história, da historicidade que compõe essa moça, junto com esse outro viés. Eu não sei como é que eu faria há 30 anos atrás (sorrindo)... eu não sei... logo que eu me formei ali e comecei a trabalhar, faz 34 anos, eu não sei como é que eu faria, sinceramente... eu acho que eu não teria essa liberdade de trabalhar a independência e de quase ficar braba, sabe? Como é que tu me deixa um cara fazer isso contigo? Né... “ah, porque tu não pode botar essa roupa, porque o peito vai aparecer, tua bunda vai ser mostrada, não sei o que, não sei o que... tu não pode ir na academia”, ela tinha que esconder que ia na academia porque lá tinha um professor, então assim quase que tinha que me colocar como uma urso... aí de novo, né, a neutralidade, como é que a gente usa isso, mas pensando essas coisas que eu estou agora consciente, que eu me dou conta que eu posso agora trabalhar com meus pacientes usando isso, né, e usando o meu sentimento de indignação pra ajudar, não pra dirigir, mas para ajudar a pensar. Porque eu acho que tinham coisas, eu fui de uma geração que foi mudando a visão, né... então é tem toda uma mudança de pensamento de 35 anos atrás, mais até, pra agora... então qual é que seria o meu viés na época, obvio que eu trabalharia a independência da moça, mas talvez fosse mais complicado, não sei...(Ana Terra).

Algumas Conclusões

Em sua tese sobre o feminismo e Lacan, Rafael Cossi (2016) faz uma provocação ao questionar se o feminismo politizaria a psicanálise e em que medida a psicanálise seria interessante ao feminismo. Vivemos num cenário, e aqui nos referimos em especial ao

Brasil, de muitas contradições no campo social e político, ao mesmo tempo em que discussões sobre os feminismos circulam na mídia, perpassando a academia e adentrando ao campo do “senso comum”, uma onda conservadora circula nas relações sociais e políticas. Simone de Beauvoir (2016) diz que basta que haja uma guinada conservadora na política para que os direitos das mulheres comecem a ser questionados e refutados. O ano de 2019 foi demarcado no contexto brasileiro pelo início do governo de Jair Bolsonaro, sendo atravessado por ações e discursos políticos que colocam o gênero no centro de um tenso debate, associado à “ideologia de gênero” e a discursos como: “meninos vestem azul, meninas vestem rosa”, proferidos por sua Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos⁷.

Sobre essa questão das reverberações do feminismo nas práticas psicanalíticas, a partir das falas das entrevistadas entendemos que elas problematizam a importância de que na prática clínica possamos escutar o que as pessoas trazem para as analistas. Elas, as analistas entrevistadas, explicitam contextos e situações que demandam o repensar das grandes teorias de Freud e de Lacan, para centrar a escuta no que as pessoas estão produzindo em termos subjetivos e como estão vivendo suas sexualidades e suas experiências:

Patrícia Porchat (2018) refere que a sociedade civil nos dias de hoje está atenta à perda dos direitos das minorias, estando também as psicanálises envolvidas em discussões atravessadas por classe, gênero, raça. Para a autora, tais pautas beneficiam não só a psicanálise, mas o feminismo e a sociedade como um todo, pois potencializam discussões que ultrapassam o âmbito acadêmico. Desta forma, é fundamental reconhecer que a transmissão de conhecimento nos ambientes formais da psicanálise possui um caráter político, ético e teórico que implica na formação de psicanalistas que supostamente detém certo saber no que envolve concepções de sujeito e de patologia. Tais concepções ressoam na clínica psicanalítica, na compreensão de analistas para com seus pacientes. Sabemos que nossa concepção de sujeito aqui é determinada pelo inconsciente, mas nos referimos também a um sujeito que busca reconhecimento e a possibilidade de existir: “minha noção de sujeito é compatível com a noção de ser humano que tem direitos e necessidades?” (Porchat, 2013, p.197).

⁷Orgão que substituiu a Secretaria de Políticas para Mulheres (SPM).

Márcia Arán (2009) acreditava ser consenso na comunidade psicanalítica que as teses freudianas sobre a sexualidade feminina, muito criticadas ao longo do século XX, como vimos aqui, fossem reformuladas. Não obstante, os postulados da obra lacaniana continuam, também segundo Arán, sendo evocadas no debate atual sobre o feminino e a diferença sexual. Arán (2006, 2009) referiu que se encontram na literatura novas releituras das contribuições de Freud acerca da feminilidade, que se faz através do deslizamento entre a ideia do feminino enquanto algo singular, onde está condensado o que sempre foi excluído pela cultura ocidental. Maria Rita Kehl (2007) diz que encontramos em Freud uma “história curta da mulher”, que finda com o advento da modernidade.

Procuramos com esse artigo empreender a tarefa de trazer uma teia que se ramifica em saberes dentro do pensamento feminista e dos estudos de gênero, destacando sobretudo seus diálogos e limites com a psicanálise enquanto dispositivo teórico clínico. E neste sentido, procuramos evidenciar o pensamento e o trabalho clínico de psicanalistas que estão a oferecer, de diferentes formas e por diferentes caminhos, ecos do pensamento feminista da atualidade e suas reverberações na prática clínica, considerando as possibilidades para este encontro. Prosseguimos com o debate.

Referências Bibliográficas

ARÁN, Márcia. *O feminino como possibilidade de novas formas de sociabilidade. O avesso do avesso: feminilidade e novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

ARÁN, Márcia. A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis. 2009. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000300002>. Acesso em 09/06/2020.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo sexo. Fatos e mitos. Volume 1*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BIRMAN, Joel. *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero. Feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 6ª edição. 2013

BOSCO, Adriana; PAIVA, Vera. Gênero uma categoria de análise e da psicanálise? In: AMBRA, Pedro, SILVA JR., Nelson da. (Org). *Histeria e Gênero: o sexo como desencontro*. São Paulo. Editora nVersos, 2014.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Psicanálise, sexo e gênero: algumas reflexões. In: RIAL, Carmen; PEDRO, Joana. M.; AREND, Sílvia. M. F. (Orgs.). *Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade*. Florianópolis, Ed. Mulheres, p. 269-285, 2010. Disponível em <file:///C:/Users/Rosa/Downloads/diversidades.pdf>. Acesso em 20/11/2020.

CINTRA, Ana Lucia; CLEMENS, Juçara; SOUZA, Mériti. Ser menino, ser menina: é tão simples assim? *Sig: revista de psicanálise/Sigmund Freud*. Associação Psicanalítica. Porto Alegre 4 (6) Jan-Jun. p. 57-72, 2015.

COSSI, Rafael K. *A diferença dos sexos: Lacan e o feminismo*. Tese Doutorado Programa de Pós Graduação em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Clínica. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 2016. 276 páginas.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã... Diálogo*. Rio de Janeiro: Zahar. 2004.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FLAX, Jane. *Thinking Fragments: Psychoanalysis, Feminism and Postmodernism in the Contemporary West*. Berkeley: University of California Press, 1990.

FREUD, Sigmund. A Feminilidade. Conferência XXXIII. (1933) In: IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro (Orgs). *Amor, sexualidade e feminilidade. Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

GUEDES, Marina Fernandes. *Feminino(s) e feminismos: Ressonâncias da teoria psicanalítica e dos movimentos feministas na prática de psicanalistas*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2021.

GONZÁLES, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos* / organização Flávia Rios, Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

IACONELLI, Vera. *Mulher Falada*. In: PORCHAT, Patrícia; FRANÇOIA, Carla; CORSETTO, Patrizia. (Orgs). *Psicanálise e Gênero, narrativas feministas e queer no Brasil e na Argentina*. Curitiba: Editora Caligraphie, 2018.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do Feminino*. Rio de Janeiro: Editora Imago. 2007.

LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. (Seminário ministrado em 1972-73).

LACAN, Jacques. Seminário RSI. In J. *Lacan, Ornicar* (pp.1-70). (Originalmente publicado em 1974-1975), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1976.

LAGO, Mara Coelho de Souza. Feminismo, psicanálise, gênero: viagens e traduções. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 18(1): 288, janeiro-abril. (2010a). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/SVz6FgncwfZmZPLbhXdNDVt/?lang=pt>. Acesso em 20/08/2021.

LAGO, Mara Coelho de Souza. A Psicanálise nas ondas dos Feminismos. In: RIAL, Carmen; PEDRO, Joana. M.; AREND, Sílvia. M. F. (Orgs.) *Diversidades: Dimensões de gênero e sexualidade*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010. p. 269-286. (2010b). Disponível em <file:///C:/Users/Rosa/Downloads/diversidades.pdf>. Acesso em 16/11/2020.

MEZAN, Renato. *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Editora Blucher, 2019.

MITCHELL, Juliet. *Psicanálise e feminismo. Freud, Reich, Laing e mulheres*. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

MOREIRA, Maíra. *O feminismo é feminino? A inexistência da mulher e a subversão da identidade*. Editora Anablume. 2019

PORCHAT, Patricia; BUTLER, Judith. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 18(1): 288, janeiro-abril/ 2010 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/L8vVC5NzQ5n5gQz9WbY9WHk/?lang=pt>. Acesso em 08/04/2019.

PORCHAT, Patrícia. Psicanálise, gênero e singularidade. *Revista Faac*, Bauru, v. 2, n. 2, p. 195-202, out. 2012/mar. 2013. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/revistafaac/index.php/revista/article/view/135>. Acesso em 10/05/2021.

PORCHAT, Patrícia ; FRANÇOIA, Carla; CORSETTO, Patrizia. *Psicanálise e Gênero, narrativas feministas e queer no Brasil e na Argentina*. Curitiba: Editora Caligraphie, 2018.

PORCHAT, Patrícia. Transmitindo questões de gênero. In: TAPERMAN, Daniela; GARRAFA, Tais; IACONELLI, Vera. (Org). *Gênero*. 1ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica - Coleção Parentalidade e Psicanálise. 2020.

RIBEIRO, Djamila. As diversas ondas do feminismo acadêmico. In: RIBEIRO, Djamila. (Org) *Quem tem medo do feminismo negro?* P. 44- 48. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROSA, Miriam Debieux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Rev. Mal-Estar e Subjetividades*. Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 329-348, set. 2004. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1509>. Acesso em 08 nov. 2021.

ROSA Miriam Debieux.; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia&*



Sociedade; 22(1), 180-188. 2010. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/psoc/a/yKGGKsrdH3QvCNdYkTkPqpfP/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em 04/05/2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.